



DIVULGAÇÃO/ACATE/ND

Inteligência Artificial avança nas empresas, mas corrida pela liderança está só no começo

IPM, empresa especializada em tecnologia para administrações municipais, instalou em Florianópolis um laboratório dedicado à Inteligência Artificial

Tecnologia acelera a produção de software, muda produtos e abre espaço para novos negócios. Falta de profissionais capacitados, custos e segurança dos dados ainda limitam o avanço nas companhias catarinenses

Fabrizio Umpierres

A Inteligência Artificial já escreve e revisa códigos de programação, ajuda empresas a encontrar clientes, analisa documentos, produz relatórios e começa a assumir tarefas antes executadas manualmente por profissionais. Em Santa Catarina, essas aplicações deixaram de ser apenas testes isolados e passaram a fazer parte da rotina de boa parte do setor de tecnologia.

Isso não significa, porém, que o Estado já tenha assegurado uma posição de liderança na nova economia movida pela IA. O ecossistema catarinense reúne startups especializadas, empresas tradicionais que incorporam a tecnologia aos seus produtos e uma rede de universidades e instituições de apoio. Ao mesmo tempo, enfrenta dificuldades para formar profissionais, acompanhar a velocidade das mudanças, controlar os custos das ferramentas e garantir que informações sigilosas não sejam expostas.

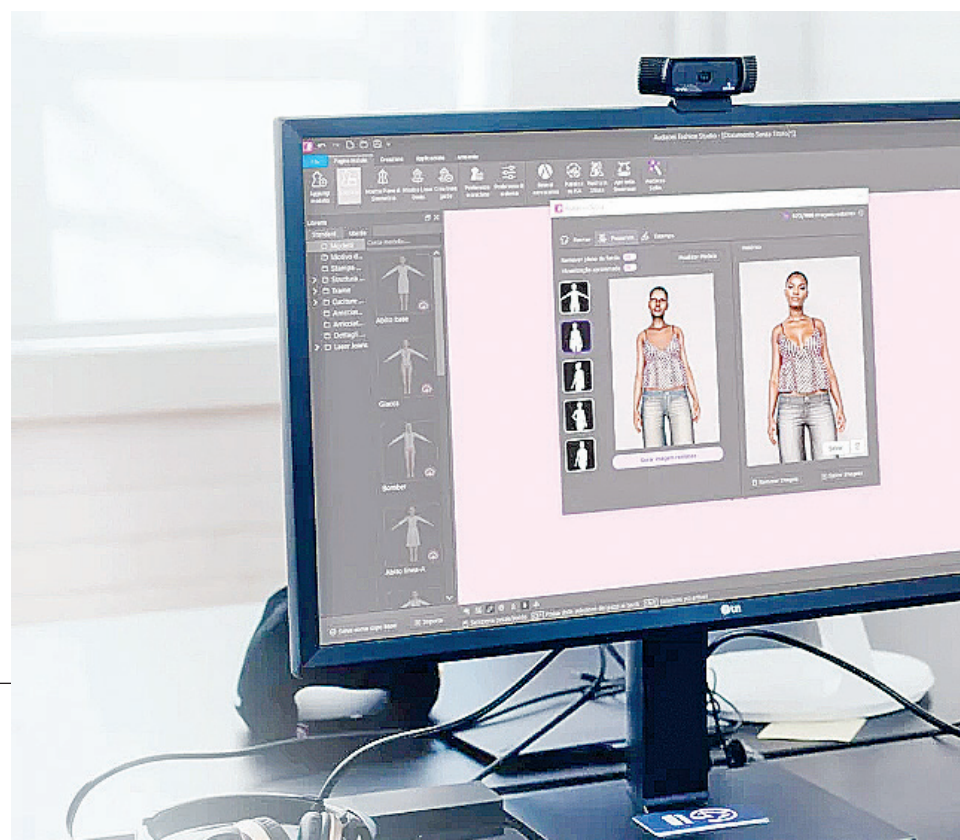
“Não somos, neste momento, a principal referência no Brasil, mas somos uma delas”, resume o vice-presidente de Ecossistema da Acate (Associação Catarinense de Tecnologia), Tulio Duarte. Para ele, Santa Catarina atravessa uma fase de transformação e aceleração: a tecnologia já está dentro das empresas, mas o desafio agora é ampliar sua utilização

e transformá-la em produtos, negócios e vantagens competitivas.

A principal porta de entrada da Inteligência Artificial nas empresas catarinenses foi, principalmente, o setor de desenvolvimento de software. Programadores passaram a usar ferramentas capazes de sugerir linhas de código, encontrar erros, realizar testes e apoiar a integração entre diferentes partes de um sistema. Esse processo, conhecido como desenvolvimento assistido por Inteligência Artificial, reduz o tempo necessário para criar novos módulos e projetos. Em vez de escrever cada

trecho desde o início, o profissional descreve o que precisa ser feito, recebe uma sugestão da ferramenta e revisa o resultado. “É difícil encontrar uma empresa de tecnologia que não esteja usando IA”, afirma Duarte.

O avanço dessa tecnologia no Estado também aparece no Scale IA, programa do Sebrae voltado ao desenvolvimento de soluções para micro e pequenas empresas: das 30 startups selecionadas em todo o país, 15 são catarinenses. Elas aplicam Inteligência Artificial a áreas como mercado imobiliário, vendas, atendimento, finanças, comunicação, marketing e serviços para animais.



O desafio de colocar todos no mesmo ritmo

A velocidade com que surgem novos modelos, ferramentas e aplicações é um dos principais desafios para as empresas. Dentro de uma mesma equipe, enquanto alguns profissionais já dominam essas tecnologias, outros ainda estão começando a incorporá-las à rotina. “Geralmente há uma ou outra pessoa que sabe mais, que está à frente. Colocar todos na mesma página depende da criação de projetos internos e de capacitação”, afirma Duarte.

Outro problema é o custo. Muitas ferramentas são contratadas inicialmente por valores baixos, mas ficam mais caras conforme o uso aumenta. Parte delas cobra pela quantidade de “tokens” processados — pequenas unidades em que textos e comandos são divididos para que a Inteligência Artificial consiga interpretá-los.

Para acelerar a transformação, a Acate prepara um programa que será lançado

em agosto, durante o Startup Summit, destinado às empresas que já incorporam Inteligência Artificial aos seus produtos. A iniciativa espera promover a troca de experiências entre equipes, encontros com especialistas e conexões com fornecedores de tecnologia para facilitar o acesso às ferramentas. Um dos objetivos é evitar que cada empresa repita sozinha os mesmos erros: desenvolvedores e responsáveis por produtos poderão comparar projetos, custos, formas de implantação e resultados.

Outra frente será aproximar as empresas das universidades. A intenção é estimular a formação de mais profissionais e o desenvolvimento de modelos adaptados às necessidades brasileiras. “A gente precisa aproveitar esse momento para ser referência no mundo”, afirma Duarte. “É uma onda que está se formando com muita velocidade e pode virar um tsunami.”



“**A gente precisa aproveitar esse momento para ser referência no mundo. É uma onda que está se formando com muita velocidade e pode virar um tsunami.**”

Tulio Duarte,
vice-presidente de
Ecossistema da Acate

IA chega às prefeituras

A transformação não está restrita às startups criadas recentemente. Empresas catarinenses mais maduras também reformulam produtos desenvolvidos ao longo de décadas. A IPM, especializada em tecnologia para administrações municipais, instalou em Florianópolis um laboratório dedicado à Inteligência Artificial. Na estrutura, uma equipe é dedicada a desenvolver e aprimorar soluções de IA aplicadas à gestão municipal, auxiliando gestores a consultar informações, analisar investimentos e projetar demandas futuras de áreas como saúde e educação. O laboratório foi criado com uma equipe multidisciplinar e trabalha em conjunto com o centro tecnológico mantido pela companhia na cidade de Rio do Sul, no Alto Vale do Itajaí.

Segundo a head de Inteligência Artificial da IPM, Ana Luiza Mees, o trabalho segue duas direções: a criação de produtos que não seriam possíveis sem IA e a incorporação da tecnologia a sistemas que a empresa já comercializava. “A gente enriquece produtos já existentes com Inteligência Artificial, além de criar os novos”, explica.

Para Ana Luiza, a concentração de empresas e profissionais de tecnologia em Santa Catarina oferece uma vantagem. As companhias encontram pessoas que já possuem alguma familiaridade com o tema e podem trocar experiências com outros negócios que enfrentam desafios semelhantes. Essa vantagem, no entanto, é relativa: a existência de uma base maior de profissionais de tecnologia não significa que todos estejam preparados para trabalhar com modelos de IA, nem elimina a disputa por especialistas.



“**Temos novas tecnologias que desafiam os humanos a mudar a forma de trabalhar. Em vez de fazer tudo manualmente, eles passam a contar com agentes de IA para executar uma parte do trabalho.**”

João Júnior,
um dos fundadores da Multiagents

Empresas pequenas, agentes digitais

Esse novo mercado favorece também o nascimento de empresas com equipes reduzidas e alta capacidade de execução. Em vez de contratar grandes estruturas para tarefas como atendimento, cobrança, produção de relatórios ou prospecção de clientes, esses negócios desenvolvem agentes de Inteligência Artificial para executar parte do trabalho.

Os agentes são sistemas programados para interpretar uma solicitação, consultar informações e fazer uma sequência de tarefas com alguma autonomia. É nesse segmento que atua a Multiagents, startup de Palhoça fundada por João Júnior, Paulo Pina e Leonardo Cardoso. A empresa, que desenvolve agentes destinados a atividades como atendimento, vendas e cobrança por

redes sociais, sites e email, recebeu em 2025 um investimento de R\$ 1,5 milhão em uma rodada que reuniu o fundo norte-americano Conscience, da Califórnia, e a rede catarinense SC Angels. Segundo João Júnior, mais de 150 mil pessoas interagem mensalmente com os agentes desenvolvidos pela empresa, que cresceu mais de dez vezes em um ano e pretende levar sua tecnologia a um milhão de usuários até o final de 2027.

A principal barreira da IA, comenta João Júnior, está em preparar os demais profissionais para dividir suas atividades com sistemas inteligentes. “Temos novas tecnologias que desafiam os humanos a mudar a forma de trabalhar. Em vez de fazer tudo manualmente, eles passam a contar com agentes de IA para executar uma parte do trabalho.”

Da ideia à coleção sem produzir a peça

Na indústria da moda, a Audaces, multinacional italo-brasileira com sede em Florianópolis, utiliza Inteligência Artificial para transformar croquis e desenhos técnicos em imagens realistas das peças. A visualização permite que estilistas, gestores e equipes comerciais avaliem uma coleção antes mesmo da produção dos protótipos físicos.

Segundo a diretora de Produtos da empresa, Rayama Dias, a tecnologia também automatiza etapas como o detalhamento das peças e a organização das informações usadas no

desenvolvimento. O resultado é um processo mais rápido, com menos retrabalho entre as áreas de estilo, modelagem e engenharia. “Os profissionais passam a dedicar mais tempo às decisões estratégicas e à criatividade”, afirma.

A IA já é usada tanto para ampliar as funcionalidades dos sistemas existentes quanto para criar novos produtos e fontes de receita. Presente em mais de 100 países, a Audaces também vê a tecnologia como uma forma de acelerar sua expansão internacional, com soluções escaláveis, adaptadas a diferentes mercados e idiomas.



“**A gente enriquece produtos já existentes com Inteligência Artificial, além de criar os novos.**”

Ana Luiza Mees,
head de Inteligência Artificial da IPM

